



Divulgação

## Conhecimentos múltiplos para entender o mundo

Grande nome da divulgação científica no Brasil, Ennio Candotti está sempre de mudança. Mantém o olhar atento às peculiaridades e à história de cada lugar, atitude essencial para a compreensão de realidades e para o cultivo das diferenças

Por Marcella Chartier Imagens: Arquivo pessoal Ennio Candotti

**A** pesar de o entrevistado desta edição da DanteCultural ser reconhecido como físico de carreira dedicada à ciência, o que se nota, depois de se conhecer sua trajetória, é a multiplicidade. Ennio Candotti foi aluno do Dante de 1953 a 1960 e, depois de graduado em Física pela USP, passou dez anos na Europa (principalmente entre Itália e Alemanha), estudando outras áreas, como Ciências Sociais, Geografia e História. De volta ao Brasil em 1974, envolveu-se com a organização do Instituto de Física do Rio de Janeiro, no qual edificou uma de suas principais bandeiras: o desenvolvimento e a divulgação da ciência no país. Para se concentrar nesses objetivos, não prescindiu do olhar abrangente, atento também à totalidade e às nuances dos fenômenos que vão além dos físicos. Tal amplitude de foco é resultado de seu passeio interdisciplinar pelo conhecimento, que marcou todos os projetos dos quais participa até hoje.

De lá pra cá, Candotti reconhece uma evolução satisfatória, tanto na área de desenvolvimento e divulgação, quanto na de infra-estrutura da produção científica. "Em 1980, as pessoas que se dedicavam a isso por aqui cabiam numa Kombi. Hoje, já precisamos de um avião para colocar todos", comemora. Mas o otimismo em relação ao tema, para ele, depende diretamente de um progresso na educação. "Nosso ensino ainda é muito teórico, pouco prático, os laboratórios não ocupam espaço maior que os das salas de aula expositiva", afirma. Para ele, a variedade de talentos deve ser respeitada, e cada habilidade, depois de detectada, aperfeiçoada. "Tem pessoas que não sabem resolver uma questão algébrica, mas sabem pensar em maneiras de se mover no espaço, dançando. Por que não dar a elas a chance de se manifestarem e se comunicarem por meio dessa capacidade?", questiona.

Aos 66 anos, o ex-presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) - hoje presidente de honra da mesma instituição -, está se mudando de Vitória, onde era professor da Universidade Federal do Espírito Santo, para Manaus, no Amazonas, para conduzir o que chama de sua mais recente paixão: a fundação do Museu de Ciências Naturais do Estado Amazônico. "O projeto promove um modo de olhar para a floresta amazônica, atento às peculiaridades daquele lugar. É essencial que se procure entender a Amazônia sem fixar parâmetros rígidos", afirma. Antes da partida, concedeu esta entrevista à DanteCultural, na qual falou sobre ciência, educação, intercâmbio de intelectuais entre os países da América Latina, e também lembrou os tempos de aluno do Dante.

**O senhor nasceu na Itália e se mudou ainda criança para cá. Como foi a viagem ao Brasil e a adaptação no novo país?**

Nasci em Roma, em fevereiro de 1942, e cerca de dois anos depois, meu pai - que era diretor de um banco - foi transferido para Veneza. Em 1945, foi transferido novamente, desta vez para Trieste. Lá que eu fui alfabetizado. Depois nos mudamos para San Remo, onde meu pai ficou desempregado. Vivíamos em plena crise do pós-guerra e ele era um alto funcionário sem perspectiva de trabalho em uma cidade pequena. Decidiu, então, emigrar para o Brasil. Veio no início de 1952, e logo em seguida viemos eu, minha mãe e meu irmão mais novo. Viajamos em um navio de emigrantes de 17 mil toneladas. Hoje, quando vejo esses navios pequenos atravessarem o oceano, me dá até medo. Era quase uma caravela, cheia de gente, e me lembro bem das noites de mar muito agitado. Chegamos no fim de 1952 ao porto de Santos, e a primeira lembrança que tenho do Brasil é de quando me ofereceram guaraná, quente, e não gostei.

Vimos morar em São Paulo, e dois meses depois eu já estava no Dante. Morava pertinho, então ia todos os dias a pé para a escola. Como eu ainda tinha dez anos no momento da matrícula, em fevereiro, tive que cursar de novo o último ano do primário. Mas foi bom para que eu pudesse aprender a língua portuguesa com mais calma.

**Quais são suas lembranças dos tempos de Dante?**

Lembro de jogar bola no campo de futebol, de comer sanduíche de mortadela da cantina no recreio, do sr. Marino (*Marino Serafino, porteiro do Colégio na época*) tocando o sino, das filas que se formavam para descer ao pátio e para subir à sala de aula. Lembro também que era muito comportado, talvez até demais, e era muito bom aluno de História, Geografia e Desenho, não de Física. Talvez eu devesse ter me dedicado mais à História do que à Física.

Tive professores atentos e generosos, uma professora em especial foi muito importante, lecionava italiano, chamava-se Camerini. Era mãe

de um físico que tinha sido colega do Cesar Lattes (*um dos maiores físicos brasileiros, também ex-aluno do Dante*). E foi ela que me fez encontrar o Lattes para fazer uma entrevista, que foi publicada no jornal de que eu fazia parte na escola, em 1959. Eu cismava em estudar Física, um pouco por teimosia, mas também por influência de uma leitura que fiz quando pequeno. Meu avô era advogado e diretor de uma escola secundária, e lia bastante, tinha uma biblioteca fabulosa em casa. E me deu de presente, antes de eu sair da Itália para vir ao Brasil, um livro chamado *Este mundo grande e terrível*, da Ginestra Amaldi. Era um livro de divulgação científica, de física, zoologia, astronomia, que eu lia durante a viagem, deixava embaixo do travesseiro.

**E a entrevista e o livro motivaram o senhor a estudar Física...**

É. Mas acabei fazendo, por um tempo, Física durante o dia e Economia à noite, neste prédio da [rua] Maria Antonia em que estamos (*a entrevista foi concedida na sede da SBPC*).

Depois, passei dez anos na Europa estudando outras áreas que não a Física. Me envolvi com atividades culturais, interdisciplinares, me aproximei da Geografia, das Ciências Sociais, da Antropologia, da História. Um pouco das dúvidas que tive no momento da escolha da minha profissão se explicitaram e acabaram se tornando objetos de atividade permanente. Esta foi a minha grande sorte: encontrar um caminho pelo qual eu pude conviver com profissionais de diferentes áreas e aprender muito com eles, estudar, me interessar por caminhos cruzados.

**E como foi o retorno ao Brasil?**

Foi em 1974, quando comecei a morar no Rio de Janeiro e participei da organização do Instituto de Física de lá, que acabou me envolvendo com a SBPC. Voltei ao Brasil justamente para tratar da divulgação científica por aqui. Em 1980, participei da criação de uma revista que tinha esse objetivo, chamada *Ciência Hoje* - que ainda circula -, e mais tarde, em 1986, elaboramos a *Ciência Hoje das Crianças*, que foi inspirada pelo *Corriere dei Piccoli*, um jornalão italiano para crianças que exerceu grande influência na minha formação. Tinha muito desenho, com histórias para crianças escritas por cientistas.

**Foi difícil escrever para crianças?**

Menos do que se imagina. Se você tem alguma coisa para dizer, encontra a fórmula. Tem pessoas mais habilidosas que podem ajudar também, e o segredo dessas revistas é que sejam feitas a seis mãos: o autor escreve, o redator ajuda a esclarecer, o desenhista, diagramador ou profissional da arte dá conta das ilustrações e das imagens - o que, no caso das publicações infantis, é extremamente importante, chega a ocupar 60% do espaço.

**Por que o senhor quis escrever para crianças?**

Por duas razões: uma é que a curiosidade delas é muito grande - e eu também sempre fui muito curioso, desde pequenininho desmontava relógios em casa, para desespero dos meus pais. E essa curiosidade tinha pouca ressonância, pouca resposta, publicações infantis tratavam sempre dos mesmos temas envolvendo a fantasia livre, mas sem abrir as caixas para ver por dentro o que acontece nos seres, nos objetos, no mundo. Achei que seria importante incorporar a curiosidade científica, em relação ao que não se vê a olho nu, com o olhar desarmado. Estimular a educação do olhar para enxergar as mesmas coisas que todos vêem, mas com aspectos curiosos, diferentes, estabelecer conexões.

Além disso, naquela época tinha nascido meu filho (*Fábio, que nasceu do casamento com Maria Elisa da Costa Magalhães*), e como dedicava pouco tempo a ele, pensei: pelo menos faça uma revista para ver se ele lê. Mas como bom cientista social, nunca deu muita bola para a *Ciência das Crianças*.

**Quando o senhor foi à Europa, tinha o objetivo de estudar e acabou permanecendo por muito tempo lá. Teve vontade de não voltar ao Brasil?**

Fui com uma bolsa da FAPESP (*Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*) para fazer graduação, mas também tinha sido convidado pelo governo da Itália como aluno italiano no Brasil. Era um curso de dez meses. Aí conheci, pelo Instituto de Física da Universidade de Pisa, um professor que trabalhava com o Lattes, e fui para Pisa. Quando cheguei lá, vi que dez meses eram só o começo, então pedi que a bolsa da FAPESP me fosse concedida por mais tempo, e consegui. Passei dois anos em Munique, na Alemanha, depois fui para Nápoles por mais dois anos. Quis voltar ao Brasil em 1969, mas muitos colegas de faculdade estavam fugindo daqui porque a situação política era lamentável. As pessoas que chegavam na Europa me aconselhavam a não voltar. Fiquei muito abalado, tive amigos que foram mortos pela repressão. A indignação com aquilo que estava acontecendo me fez procurar entender as questões políticas, o mundo, e fiquei mais cerca de quatro anos na Europa estudando. Quando recebi o convite para me estabelecer no Rio de Janeiro, voltei. Sempre gostei de cidades com mar e não foi difícil aceitar.

**E quando assumiu seu primeiro cargo na SBPC?**

Eu fui secretário regional no Rio de Janeiro de 1977 a 1981. Depois fui conselheiro, vice-presidente, e quatro vezes presidente. Hoje sou presidente de honra e membro do conselho, quase parte dos móveis da SBPC (*risos*).

Também pelo vínculo com a SBPC pude conviver com profissionais de muitas áreas, escrever, promover e continuar a divulgar a ciência. Encontrei meio propício para contribuir com a educação no país, e para criar instituições capazes de promover o desenvolvimento científico. Tenho muita satisfação em ver que muitas idéias, projetos e propostas têm sido realizados pelo país todo, o que acompanho de perto viajando. Então tenho um razoável conhecimento do que acontece em diferentes estados em que realizamos esses eventos. Hoje estou empenhado em criar um museu de Antropologia e História em Manaus. Mais uma vez, deixarei meu apartamento de Vitória, no Espírito Santo, perto do mar...

**Vai ficar mais perto de um rio...**

É, no meio da floresta. Já mudei de casa umas 25 vezes nesses anos todos... (*risos*) Só de carregar livros para cima e para baixo já tenho uma certa experiência.

**Ao longo dos seus diferentes mandatos na SBPC, como notou as mudanças no desenvolvimento e na divulgação da ciência no Brasil?**

Em 1980, as pessoas que se dedicavam à divulgação científica em nosso país cabiam numa Kombi. Hoje, já precisamos de um avião para colocar todos. Há um número grande de jornalistas, escritores e pesquisadores universitários que se dedicam com atenção à responsabilidade de contar tudo o que se sabe, explicar, e não apenas a escrever, mas também a criar museus, centros de pesquisa, laboratórios, a participar da renovação até mesmo da educação, que ainda hoje é um pouco antiquada. Atualizar a educação é tarefa complexa, mas muito importante. Nosso ensino é ainda muito teórico, muito pouco prático, os laboratórios não ocupam espaço maior que o das salas de aula expositiva. E a tendência, daqui a 20, 30 anos, é que o espaço dedicado a exercício e prática, ao movimento, à música, à arte, seja maior que o da exposição oral e de orelhas grandes e atentas ao que diz o professor. Fazer junto com os professores é um desafio que aos poucos a educação vai entendendo.

**Vamos falar um pouco sobre a atuação do governo em relação à ciência. O senhor acha que ela está sendo tratada com a devida atenção?**

Acompanho isso há 30 anos, e a luta pela criação de instituições científicas no país é bem-sucedida. Temos uma infra-estrutura de produção científica muito superior à que tínhamos 50 anos atrás. Formamos hoje muito mais gente de alto nível de especialização. Estamos em condições de enfrentar de igual para igual o desenvolvimento científico e as exigências do conhecimento no mundo moderno, e também de executar sua aplicação em um mundo produtivo. Não estamos muito longe de poder competir com centros mais avançados. Aqui se fazem aviões, se extrai petróleo em condições muito complexas, e isso é produto de nossas universidades. Claro que se usam

**Formamos hoje muito mais gente de alto nível de especialização e estamos em condições de enfrentar de igual para igual o desenvolvimento científico e as exigências do conhecimento no mundo moderno, e também de executar sua aplicação em um mundo produtivo.**

com conhecimentos internacionais, mas eles estão à disposição de quem sabe lê-los, e saber ler é saber fazer igual. O país mudou completamente: de importador e fascinado pelo que os países do Norte faziam, para um país que tem capacidade de pensar com a própria cabeça, infra-estrutura para isso. A USP é hoje muito diferente do que era 30, 40 anos atrás. Eu lamento apenas que institutos como o da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) não tenham sobrevivido como eram, centros de interdisciplinaridade, com atividades intelectuais muito intensas. Quando estudante, eu chegava aqui às 8 horas da manhã, assistia às aulas de graduação em Física, à tarde dava algumas aulas ou estudava, e voltava para assistir às aulas de Filosofia, de Ciências Sociais, de Literatura, Arte, que me marcaram muito.

**Essa interdisciplinaridade sempre foi seu interesse e se mantém até hoje.**

Sem dúvida.

**E cada vez mais se nota que a educação fora da sala de aula estimula isso...**

Exato. A educação precisa se diversificar, incorporando as dimensões artísticas, nossas faculdades que vão além do somar e subtrair, do ler e escrever, mas usando as artes: a música, o desenho, a criação, a poesia. Isso tudo educa e é importante que conviva com uma educação mais formal, que sozinha acaba sempre pendendo para a disciplina e a organização, o que tolhe, muitas vezes, o que há de mais rico na formação dos jovens.

**O senhor morou em muitos lugares. Por isso pôde perceber, pessoalmente, a importância de cada ambiente ser observado no que diz respeito às suas peculiaridades e necessidades, o que é uma de suas principais bandeiras...**

Sim, aos poucos fui aprendendo a distinguir os pontos de vista e a sempre procurar me colocar em algum ângulo que possibilitasse a revelação das riquezas, não do emaranhamento de cada lugar. Se você vai à Amazônia e a olha com nossos olhos de asfalto, não vai entender nada. Se você olhar pensando no movimento das águas, nas possíveis formas de conviver com ele e aproveitar o que ele pode lhe oferecer, você encontra as chaves do transporte, do movimento, da compreensão da vida que nos cerca. E isso vale para a cidade grande e para a pequena. Há sempre uma maneira de se aproximar. Precisamos ver as comunidades ribeirinhas, as indígenas, ou até mesmo as universitárias do interior de São Paulo com

*Sala de aula em Trieste, cidade do nordeste italiano, onde Candotti foi alfabetizado*



*Depois de passar o início da infância na Itália, Candotti emigrou para o Brasil. Na foto à esquerda, está com o avô, que lhe presenteou com um livro de divulgação científica, primeiro estímulo que recebeu, ainda garoto, para entender e descobrir os fenômenos da ciência. Na foto à direita, Ennio e sua mãe, na Itália*



**Precisamos ver as comunidades ribeirinhas, as indígenas, ou até mesmo as universitárias do interior de São Paulo com olhos atentos à sua história, às suas peculiaridades, ao modo como cresceram, como se formaram, e procurar entender como elas são sem tentar olhar com parâmetros fixos e rígidos.**

olhos atentos à sua história, às suas peculiaridades, ao modo como cresceram, como se formaram, e procurar entender como elas são sem tentar olhar com parâmetros fixos e rígidos. Isso permite

colher o que de melhor cada lugar e cada pessoa podem oferecer, como cada comunidade pode contribuir para a vida em comum, com participação social no país. Quando você desenha um objeto, faz isso segundo um ponto de vista. Se você sai desse ponto, vê outra coisa, não quer dizer que seja melhor nem pior, mas é diferente. Aprendi isso, sem saber, com os mestres da arte toscana quando eu estava em Pisa. O mundo precisa ser olhado com ponderação e critérios para ser compreendido. O projeto do museu amazônico de que eu falava é um pouco isso, um modo de olhar para a floresta. O olhar que uma pessoa de cultura indígena brasileira tem para com a floresta é completamente diferente do que o de um norte-americano ou o de um brasileiro de Brasília.

**Fale um pouco sobre esse projeto do Museu de Ciências Naturais do Estado Amazônico.**

É a última paixão que tem me envolvido. Nesses últimos quatro, cinco anos de participação na SBPC, fui muitas vezes à Amazônia discutir os desastres, a audiências no Congresso Nacional, discussões na TV ou privadas, e com isso tomei um bom conhecimento do que se passa lá, dos desafios que se encontram em toda a Amazônia. Isso me levou a sugerir que se criasse um museu de sociodiversidade, antropologia, das culturas tradicionais e também da diversidade biológica, incorporando a floresta com diferentes olhares e usando também a tecnologia (como sensores de radiação infra-vermelha e ultravioleta, que nos permitem ouvir sons que não conseguimos, sentir cheiros que não percebemos). Estar numa floresta e poder acompanhar cheiros, cores e estímulos com amplificadores é maravilhoso. Fiz essa proposta a amigos que têm capacidade de decisão em Manaus e eles aceitaram, desde que eu fosse dirigir a orquestra. Então, como bom maestro, aceitei o desafio e estou me mudando para lá. Mas estamos ainda comprando os instrumentos, treinando as flautas, os oboés, os violinos...

**O senhor está sempre de mudança...**

É, mas fiquei bastante tempo em alguns lugares: 20 anos no Rio, 13 em São Paulo, 12 em Vitória..., mas já estava impaciente, chegando ao limite da minha capacidade de permanência.

**Querida que o senhor falasse um pouco sobre sua proposta de intercâmbio de estudantes entre os países da América Latina.**

Esqueci de contar que passei dois anos em Buenos Aires, de 1987 a 1989, trabalhando na criação da *Ciencia Hoy*, que é a versão argentina da *Ciência Hoje*. A partir dessa experiência, eu percebi a importância de se intensificar a cooperação entre os países latinos para a educação ser dada em múltiplas dimensões. Não há nada mais triste do que ver um jovem se formar de uma forma monocromática, incapaz de ver as nuances, a multiplicidade de cores e de tons, o que ocorre muitas vezes quando a educação se fecha em suas poucas verdades, certezas e normas. E as normas se sobrepõem à capacidade de renovação delas mesmas - muitas vezes porque o pensamento conservador é temeroso, educa no temor, e isso também acontece na Argentina. A soma de um mais um sempre dá mais do que dois, porque cada um descobre não apenas o que o outro pensa, mas como é limitado o seu próprio modo de pensar. Tenho a impressão de que a necessidade de reescrever a história da América Latina é fundamental para que esses países tenham respeito, níveis de consciência melhores e uma boa auto-estima para a realização de seus projetos à altura de sua gente, que é magnífica, mas é tolhida, aprisionada por uma história mal escrita, uma memória mal contada, uma impossibilidade de alcançar os melhores ideais. É um mundo que precisa ainda se libertar de muitas restrições que sofreu por vários anos. Na Europa, os países superaram tudo isso porque eles lá tiveram Idade Média. Ao contrário de nós, eles tiveram tempo para entender e incorporar as culturas ancestrais. Aqui ainda existe, hoje, uma dificuldade imensa de aceitar as comunidades tradicionais indígenas. Não se fez aquela enorme purgação que os europeus fizeram. A Idade Média permitiu repensar as próprias culturas locais, assentá-las, mostrar as diferenças. Difícilmente, sem Idade Média, teríamos hoje uma Europa unida. Eles passaram por profundas diferenças, conflitos, tiraram isso a limpo e agora conseguem, de vez em quando, convergir. Não conseguimos ainda nos entender muito bem na América Latina - apesar de estarmos próximos disso - porque as razões de nossas diferenças ainda não foram explicitadas. As histórias foram sempre escritas por diferentes pontos de vista, não cruzados, com olhares muito pouco atentos a isso e a entender a essência dos conflitos e das convergências. Por isso acho essencial a cooperação científica americana, o intercâmbio cultural, dentro dos limites que a política permite. Nesse momento é muito favorável a possibilidade de um maior *acercamiento*, de um confronto genuíno de interesses.

**Pensando nas necessidades específicas de cada lugar, qual a principal que o senhor enxerga no campo científico no Brasil e na América Latina?**

Conhecer o país é muito importante. A biologia, biodiversidade, a cultura, a própria história, que está sendo revelada aos poucos. Temos uma porção de clichês, de uma história muito marcada por acontecimentos do exterior. E as instituições de educação e de ciência são muito frágeis. Ainda é preciso se demonstrar a necessidade de fazer

ciência, e que determinados sacrifícios devem ser feitos. Tem programas de apenas dez, 15 anos, que são prazos muito curtos, e isso não é porque os governos mudam, é porque as sociedades não conseguem sustentar esses programas com ou sem governo e levá-los adiante.

A discussão sobre as células-tronco, por exemplo: ninguém se dá conta de que, não só para saber que as células-tronco são importantes, mas também para saber que no processo é necessário sacrificar aquele óvulo fecundado (o embrião de onde são extraídas as células), foi preciso sacrifício. Foi necessário saber romper os limites de nossa ignorância, e interferir naquele mundo. A toda hora fazemos escolhas, sacrificamos pessoas em sua dignidade, em sua vida cotidiana. Esse tráfego mata quantas pessoas por dia? Por isso vamos proibir os automóveis de circular? Temos que continuar as pesquisas. Até aquilo que os mais radicais sabem foi graças ao sacrifício de algumas pessoas. Precisamos ainda fazer com que a educação seja um instrumento de vida coletiva, construção, tolerância, entendimento entre as pessoas, e estamos muito longe disso. Não basta ter educação, é necessário que ela seja boa. Ter uma má educação pode prejudicar ainda mais, porque um conhecimento mal utilizado é uma arma que causa danos.

**Ainda falando de educação, o senhor também defende a intensificação das relações entre o ensino médio e as universidades...**

Sim, eu acredito que a falta de canais de comunicação não é uma falta de livros e de leitura, mas de práticas. No sistema de educação que temos hoje em dia, ensinar a resolver uma equação matemática de primeiro grau vale mais do que ensinar a fazer um bom arroz. Pois eu afirmo que saber fazer o arroz é muito mais difícil. Claro que é preciso ter uma certa abstração para resolver uma regra de três, por exemplo, mas é uma tarefa que tem uma seqüência de normas a serem obedecidas. Fazer o arroz, não. Precisa fazer muito arroz, apanhar muito, queimar, errar na dose da água, do sal, na qualidade do arroz, compreende? São muitas coisas para entender. E nós continuamos a ver com desconfiança ou admiração desmedida - que é uma forma de distância - quem sabe fazer um bom arroz.

E isso vale para um bom marceneiro, para um bom pedreiro, para uma pessoa que saiba construir uma TV, um computador. Então, a prática da oficina é a capacidade de realizar e de pensar. O espaço desenhado sobre uma folha de papel tem duas dimensões, mas na realidade tem três, e na escola o volume do espaço em que nos movemos é transformado em uma folha. Isso tolhe, reprime, dos tempos de Dante, inibe, reduz a capacidade de expressão. Tem como boletins e pessoas que não sabem resolver uma questão algébrica, mas sabem pensar em maneiras de se mover no espaço. Por que não dar a elas a chance de se manifestarem e se comunicarem por meio dessa capacidade? Eles aprenderão também, da mesma forma que as pessoas que sabem lidar com as equações. Não podemos obrigar todos a seguirem um padrão. Essa padronização da educação é empobrecedora, esteriliza a criatividade do jovem. Se não respeitarmos as diferentes simpatias e vocações de cada um, ficaremos em uma sociedade de conflitos que está mais preocupada em frustrar do que em cultivar.

**Não há nada mais triste do que ver um jovem se formar de uma forma monocromática, incapaz de ver as nuances, a multiplicidade de cores e de tons, o que ocorre muitas vezes quando a educação se fecha em suas poucas verdades, certezas e normas.**

*Candotti guarda ainda cadernetas escolares e outras lembranças dos tempos de Dante, como boletins e exemplares de um jornal produzido com outros ex-alunos quando cursavam o último ano na Escola, o Gazzettino*

*A curiosidade infantil - característica peculiar também de Candotti, que desmontava relógios em casa quando menino - serviu de motivação para que ele participasse da criação de uma revista de divulgação científica para crianças, a Ciência das Crianças*



Arquivo Dante

## CARACTERÍSTICOS

NOME DO ALUNO ENNIO GIULIO QUIRINO CANDOTTI

Data do nascimento: 12 de fevereiro de 1942

Natural de: Roma - Itália

Nome do pai: Livio Candotti

Nome da mãe: Tateo Maria Stefania

Residência: Al. Sarutaya, 165

Observações:

